

Experimentar a vida...Se deixar ser cuidado...Os Desafios Cotidianos da
Reforma Psiquiátrica Antimanicomial.

"Saí indisposta, com vontade de deitar.

Mas o pobre não repousa.

Não tem o privilégio de gozar descanso"

Carolina Maria de Jesus

Ser mulher com seus 40 e poucos anos de idade. Não contar sobre irmãos e pouco relatar sobre seus genitores. Em alguns momentos conseguir dizer sobre a maternidade que não conseguiu exercer. Nunca possuir um emprego regular. Chegar no CAPS AD como acompanhante do marido. Ter Ferro em seu nome, ser ferro na vida e residir num carro abandonado de ferro como uma carapaça para os afetos.

Geralmente sua chegada ao CAPS AD acontecia de maneira conflituosa, pois vivenciava recorrentes episódios de violência com seu companheiro. Foi após um desses episódios que Ferro aceitou ser acolhida e seu cuidado na instituição se iniciou. Em atendimento, contou que em sua errância pela vida aprendeu que morar era estar onde fazia amizades. Contraditoriamente, no espaço do CAPS AD, Ferro não era de 'muito papo', abria-se apenas com os trabalhadores e após um investimento afetivo intenso de ambos os lados.

Relatar a experiência de Ferro é compartilhar o caso de uma moradora de uma Unidade de Acolhimento Adulto - UAA que foi acompanhada por um Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas - CAPS AD e como se deu sua produção de cuidado. Nosso desejo é dar visibilidade ao caso e produzir conversas sobre o percurso de Ferro na UAA, a partir da premissa que investir em cada pessoa vai convocar maneiras singulares de cuidado. Conferir às práticas de cuidado intersetoriais o valor e a delicadeza que destas emergem a partir do sofrimento singular de cada sujeito, nos convocar a ressignificarmos os processos de trabalho, a gestão e as relações.

"Quando o homem decidir reformar a sua consciência,
o mundo tomará outro roteiro"
Carolina Maria de Jesus

É fato que a Pandemia de COVID-19 se configurou como um marco sanitário importante para as Redes e Sistemas de Saúde mundiais. Estivemos todos apreensivos, ainda mais dedicados e a investir no SUS em virtude desse processo Pandêmico e não foi diferente com o CAPS AD e a UAA por onde Ferro circulou. Estes serviços tiveram suas rotinas e cotidianos intensamente atravessados pelo desconhecido, pelo medo do adoecimento repentino, pela presença da morte, enfim, por tudo o que a Pandemia nos convocou a viver, rever, redescobrir e a reinventar.

Foi através de um dos protocolos de biossegurança do CAPS AD que detectamos uma saturação de O₂ abaixo de 90% em Ferro e, mediante o constatado, a encaminhamos para um pronto atendimento para COVID-19 onde foi detectado um grave quadro clínico de Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica – DPOC com a necessidade de fazer uso de oxigênio permanente. Em relação ao COVID-19 o resultado foi negativo.

Durante a internação citada, a equipe do CAPS começou a problematizar a importância de Ferro estar em uma moradia, tanto para entender como viveria sua vida nessas novas condições clínicas, quanto como uma oportunidade para intensificar seus cuidados. Foi a partir desse contexto clínico e social de Ferro que iniciamos a construção de sua inserção na Unidade de Acolhimento Adulto - UAA. As justificativas clínicas já foram citadas e durante sua presença na unidade também foi possível acompanhar Ferro numa construção coletiva CAPS AD, UAA e Unidade Básica de Saúde (UBS) na perspectiva de retomada de seu *lugar na vida* como cidadã e sujeito de direitos fundamentais como no refazer de alguns documentos essenciais para esses *lugares de vida*.

Para conseguirmos falar sobre a produção de cuidado realizado junto a Ferro, é relevante contextualizarmos minimamente o que é uma UAA. Dessa maneira, a UAA é um dispositivo da saúde mental vinculado a um CAPS AD, tem como orientação clínico-institucional a Política de Redução de Danos, os

preceitos da Reforma Psiquiátrica Brasileira e está amparada na Portaria nº 121, de 25 de janeiro de 2012 do Ministério da Saúde, além de também compor a Rede de Atenção Psicossocial – RAPS instituída pelas Portarias 3.088 e 3.089 de 23 de dezembro de 2011. Do ponto de vista institucional é uma moradia com característica transitória com tempo de permanência de até seis meses.

A UAA onde Ferro ficou possui algumas orientações para além das já estabelecidas pelo Ministério da Saúde e tem como importante orientador institucional o trabalho em rede com a educação, a cultura e a assistência social. Mediante tais constatações, faz-se necessário discorrer sobre alguns outros orientadores do processo de trabalho da UAA onde Ferro esteve. A saber, para além das direções clínico-institucionais já mencionadas, há um investimento técnico-político na equipe para que durante a permanência do sujeito na unidade, ele tenha a oportunidade de experimentar viver a vida de uma outra maneira e/ou resgatar como já viveu antes de um determinado momento, quando comumente, se associa ao início do uso abusivo de substâncias.

Isso quer dizer que, durante a vivência na UAA, Ferro pode retomar contatos da vida os quais não mencionou anteriormente, retomou o cozinhar e comer refeições que estavam atreladas a sua memória afetiva, pôde partilhar uma ceia de natal, comemorar seu aniversário, entre outras atividades. Acreditamos que ao experimentar esses fatos singulares, Ferro teve a oportunidade de ressignificar vivências com as quais não entrava em contato há muito tempo ou que nunca havia experienciado, ou seja, algo que está no campo do afeto e da experiência de estar viva e não da ordem da hipótese.

Um outro marco importante de Ferro na UAA foi a possibilidade de vivenciar situações de ruptura e crise psíquicas que demandaram uma maior atenção por parte da equipe do dispositivo e uma sensibilidade aguçada para poder manejar tais vivências sem retirá-la dos seus territórios concretos e de relações afetivos, ou seja, foi possível e imprescindível a parceria do CAPS AD III de referência, onde Ferro permaneceu em acolhimento noturno e dando continuidade com seu cuidado em liberdade. Condição primordial para a construção de vida e relações saudáveis.

Concomitantemente e a seguir o curso da vida, uma outra experiência demasiadamente delicada de sua trajetória na unidade foi o falecimento de seu companheiro. As equipes puderam acolher e acompanhar todo seu processo de luto, sendo *sine qua non* dar contorno e acolhimento ao sofrimento expressado.

Nessa perspectiva, de modo genérico, a UAA nos oferece a possibilidade de conhecer e aprender que, apesar do uso abusivo de qualquer substância psicoativa, a questão de qualquer morador ou moradora não se trata exclusivamente da substância. No caso de Ferro, nos foi possível conhecê-la em sua alteridade e, dessa maneira, sua mais bruta e ao mesmo tempo delicada dificuldade como a que demandou a todos, trabalhadores e moradores, a mais fina atenção que se remetia à dificuldade de se relacionar com o coletivo e de se comprometer com algumas pactuações.

Na unidade onde Ferro ficou há o combinado que os moradores são responsáveis pela cozinha ao longo do dia, incluindo fazer o almoço, o jantar e a limpeza da cozinha no fim do dia. Ferro, por muitas vezes, não cumpria com este combinado e sua ausência nessa empreitada era queixa e pauta permanente na assembleia da unidade.

Em determinada ocasião, Ferro falou com muito sofrimento que durante sua vida inteira não cozinhou e nunca precisou cuidar de nenhum cômodo de casa, pois viveu a vida circulando por conta de seus atos ilícitos. A partir desta fala, a equipe acolheu seu sofrimento e foi encontrando maneiras de Ferro lidar com seu sofrimento e estar mais ativa na unidade, no seu modo.

Ferro não deixou de ter suas dificuldades com o coletivo e também não parou de usar substâncias, mas foi a partir da vivência na UAA que conseguiu lidar um pouco melhor com tais dificuldades e perceber os momentos que não poderia fazer uso abusivo de SPA, pois seu estado clínico não permitia. Na unidade, tivemos a oportunidade de tratar com Ferro outros modos de usar sua substância de escolha e que não fosse tão prejudicial quanto o uso do crack no Bombril como o fazia.

Como a UAA é uma moradia com característica transitória, nesse processo realizamos um trabalho em parceria com um serviço da Assistência Social, especificamente um Centro de Acolhida para Mulheres, onde Ferro

permaneceu até Novembro de 2021 numa perspectiva de construção à médio prazo de uma residência própria atrelada ao benefício *LOAS* em virtude de seu quadro clínico permanente e progressivo de DPOC. Atualmente, Ferro reside numa casa alugada com seu benefício *LOAS* e segue os cuidados na Atenção Primária de sua referência.

Entender que a UAA é apenas um dispositivo da saúde que se caracteriza por uma moradia transitória que a pessoa é inserida para “organizar a vida e retirar documentos” é um empobrecimento deste dispositivo e pode ser uma enorme armadilha para o processo de trabalho, porque essa *suposição* pode não levar em consideração a condição subjetiva de cada pessoa ali acolhida.

Acreditamos que uma das maiores potencialidades da UAA é oferecer experiências com e para a vida. É permitir que um simples cozinhar, ir ao mercado, amparar o momento de luto e ir à padaria sejam acontecimentos em potencial de resignificação e produção de novos modos de existir e enxergar a vida.

Sabemos que produzir cuidado nesse contexto não está previsto em nenhuma portaria, porém, também sabemos que ao investirmos dessa maneira podemos produzir um cuidado ético para o qual toda vida vale a pena.

